

E OS AFETOS, COMO FICAM? UMA ANÁLISE DO SENTIR DIANTE DO *TINDER***Maira Mathias da Cunha**ⁱ  0009-0006-8670-5846

Universidade Estadual de Maringá - UEM

Alvaro Marcel Palomo Alvesⁱⁱ  0000-0002-8320-3131

Universidade Estadual de Maringá – UEM

Hilton Costaⁱⁱⁱ  0000-0002-2140-7729

Universidade Estadual de Maringá - UEM

RESUMO: Considerando a presença massiva da virtualidade na contemporaneidade, indaga-se quais são as implicações na forma como os indivíduos constroem ou tem seus afetos construídos. À luz de uma perspectiva feminista, tentaremos compreender os afetos a partir das vivências de seis mulheres usuárias do aplicativo *Tinder*, considerando suas particularidades e atravessamentos sociais. Nesta pesquisa nos propomos a realizar uma análise psicossocial e sociológica, embasada na Psicologia Sócio-Histórica e em autores como Norbert Elias, Anselm Strauss e Erving Goffman. Os principais

resultados refletem as problemáticas e os significados sociais do *Tinder* na vida destas mulheres, como a velocidade, o número alto de conexões (*matches*), a ausência de fronteiras e a facilidade de acesso foram apontados possíveis problemas da plataforma. O *Tinder* está, e pretende continuar fazendo um papel mediador da sociabilidade e das relações humanas, e concluímos que o aplicativo deve se atualizar e acompanhar as mudanças sociais da sexualidade, mantendo o seu acesso e permanência nas novas gerações.

PALAVRAS-CHAVE: Afetos. Mulheres. Psicologia Social. Redes sociais.

AND THE AFFECTIONS, HOW ARE THEY? AN ANALYSIS OF FEELINGS ABOUT TINDER

ABSTRACT: Based on the massive presence of virtuality in contemporary times, we must ask ourselves about the implications of how individuals constructor have their affections built. In light of a feminist perspective, we aim to understand affections based on the experiences of six women who use the *Tinder* app, considering their particularities and social crossings. This research proposes a psychosocial and sociological analysis, based on socio-historical psychology and authors such as Norbert Elias, Anselm Strauss and Erving

Goffman. The main results reflect the problems and social meanings of *Tinder* in the lives of these women, such as high speeds, the high number of connections (*matches*), the absence of boundaries, and easy access to the platform. *Tinder* is and will continue to play a mediating role in sociability and human relationships, and we conclude that the app must constantly update itself and keep up with social changes in sexuality, maintaining its accessibility and permanence for new generations.

KEYWORDS: Affections. Women. Social Psychology. Social networks.

1 Introdução

O presente trabalho se dedicou a identificar as nuances entre os afetos e o *Tinder*, especialmente como estas duas esferas se relacionam, sob o olhar de usuárias da rede, na tentativa de analisar e compreender as dimensões psicossociais e sociológicas determinantes na construção da afetividade de mulheres que utilizam o aplicativo *Tinder*. Outrossim, identificar quais os determinantes sociológicos que atravessam as relações mediadas pelo *Tinder* e compreender os usos de ideologias nas relações de gênero contemporâneas, bem como articular a análise sociológica sob um fenômeno psicológico. Considerando a proporção do alcance das plataformas digitais, percebemos que as redes sociais não existem somente no mundo virtual - por mais que sejam digitais - com impactos no contexto não-virtual.

O *Tinder* é um aplicativo de relacionamentos, seu nome significa “altamente inflamável”, sendo uma alusão ao objetivo do aplicativo, de “acender a chama” entre usuárias que combinarem entre si. A origem das emoções e o processo de sua construção e transformação, se relacionam diretamente com as influências que recebemos, no valor social das experiências pelas quais passamos com suas diferenças históricas e culturais. Afetos marcam a nossa existência enquanto seres vivos, seres humanos pensantes e presentes e, ao mesmo tempo, são construtores da nossa vivência. Sabendo então que as emoções se constroem em um contexto atrelado às necessidades do capitalismo, permeada por processos históricos, econômicos, sociais, e que a sociedade contemporânea vem se construindo com a ascensão das tecnologias de informação e comunicação, é necessário incluir análise das emoções a partir da inserção das tecnologias e do universo digital. A virtualidade vem possibilitando novas vivências, experiências, em diversos âmbitos da existência humana e, inclusive, novas formas de sociabilidade. Então, buscamos na presente pesquisa analisar a relação entre a construção dos afetos e o papel do *Tinder* nesta construção. Entendendo que a produção de sentidos se dá de maneira diferente para cada mulher, pois, apesar de comporem a universalidade do mesmo gênero, cada uma possui sua individualidade e tem vivências diferentes diante do aplicativo.

Sob o enfoque na Psicologia Sócio-Histórica, linha teórica embasada em Lev Vigotsky - alicerçada na Teoria Histórico Cultural - e que adota o marxismo e o materialismo histórico-dialético como filosofia, método e teoria. A partir da análise de relatos de seis mulheres, elucidamos os processos constituintes de sentidos através do aprofundamento de núcleos de significação. A análise das relações propostas por esse trabalho se construiu a partir do

percurso teórico acerca dos afetos, sentimentos e subjetividade tanto na perspectiva da psicologia sócio histórica quanto sob um olhar da sociologia de autores como Norbert Elias, Anselm Strauss e Erving Goffman. Buscou-se, a partir das perspectivas teóricas adotadas, construir diálogos que compreendessem melhor as vivências das mulheres entrevistadas, as quais contribuíram diretamente para a compreensão do funcionamento das categorias afetos e *Tinder* no cenário contemporâneo.

2. Sobre o *Tinder*

O *Tinder* é um aplicativo de relacionamentos, seu nome significa “altamente inflamável”, sendo uma alusão ao objetivo do aplicativo, de “acender a chama” entre os usuários que combinarem entre si. A plataforma funciona a partir da importação de informações básicas de outras plataformas, como o *Meta1*, *Instagram2* e *Spotify3*, etc - processo conhecido por transmidiação. Henry Jenkins (2008) definiu esta terminologia para definir o transporte de um mesmo universo de informações através de múltiplas plataformas de comunicação, o que contribui, de forma distinta, na sua compreensão. Ou seja, importam-se informações como nome, idade, instituição de ensino e os interesses em comum registrados pelas plataformas antes de iniciar seu uso - a plataforma exige que a usuária elenque de três a cinco categoria de interesse como prioritárias, sendo exemplos: “mochilão”, cinema, balé, “sextou” e gin tônica. Há a possibilidade de construir o perfil desvinculado de uma conta de outra rede social, podendo ser feito através de um *email*/conta da Google ou pelo telefone pessoal. Essa conexão entre plataformas é construída sob a narrativa de facilitar as conexões para usuárias, contudo, indaga-se: a qual propósito essa conexão serve? O “prejuízo” atrelado à esta escolha de montagem de perfil desvinculada de outras redes é que a plataforma não possibilita acesso facilitado à outras pessoas do seu círculo social - virtual - necessitando, então, despender mais tempo inserindo informações que seriam importadas de outra rede, ou seja, direcionando o algoritmo para encontrar estas pessoas. Existe, também, a possibilidade inversa: bloquear a visibilidade do seu perfil à pessoas que não queira, isso é feito através do armazenamento de contatos bloqueados da usuária e ajuste na configuração para que esta(s) pessoa(s) indesejadas não saibam que há o seu perfil na rede.

O aplicativo foi criado por estudantes da Universidade da Califórnia em 2012 com o objetivo de unir pessoas com mútuo interesse, mas chegou ao Brasil somente em 2013. De acordo com o *website* do aplicativo, o *Tinder4* é a maior plataforma de namoro e a mais

popular também, alcançando mais de 55 bilhões de matches (combinação de perfis que permite o bate-papo) entre usuárias ao redor do mundo. Além disso, versões atualizadas - e pagas- melhoram o acesso das usuárias, apresentando raramente dificuldades de navegação e uso. Cada usuária pode delinear a correspondência desejada, configurando o aplicativo aos seus interesses, como gênero, faixa de idade, distância, localização, fotos e, também, a possibilidade de escrever uma breve biografia. O aplicativo é desenvolvido de forma a instigar as usuárias a montar um perfil que exiba sua melhor versão, focando seu uso no estímulo visual e, principalmente, na primeira impressão que cada pessoa pode passar. Para que o processo de combinação de perfis aconteça, o aplicativo se utiliza da sua localização e distância, podendo ser de 0 a 160 quilômetros, na versão gratuita, sendo somada aos critérios estipulados pela usuária, geram combinações desses elementos e se apresentam os perfis possíveis.

Visando a utilização a todo o tipo de público, o aplicativo tem a linguagem visual clara e objetiva, utilizando não só direções como direita e esquerda, mas desenhos que representam essas direções. Então, após gerar a seleção de perfis, são apresentadas à usuária imagens de quem está próximo, entende-se aqui que essa proximidade é referente a distância estipulada pela usuária, para que se deslize o dedo conforme se despertar interesse. A tela do *Tinder* contém dois botões simples, um coração (sinal de que gosta da pessoa) e um X (sinal de que não gostou da pessoa). Se dois usuários gostam um do outro, cada um deles será notificado com a acusação de um match, se um dos usuários der *like* e o outro não, nada acontece. A partir deste ponto, eles podem interagir no bate-papo do aplicativo. Assim, se dois usuários combinam entre si, uma janela para o bate-papo se abre. É de extrema simplicidade na navegação, usando-se apenas os toques para esquerda e direita, disponível tanto no sistema operacional *Android* quanto no *iOS* e de uso gratuito ou pago, além de ser possível usar em dispositivos desktop. Na versão brasileira, há possibilidade de adquirir o *Tinder+*, *Tinder Gold* e *Tinder Platinum*, pacotes que se diferenciam em níveis de bônus de uso e tipos de planos - mensal, semestral ou anual.

Em outras palavras, o seu uso significa obrigatoriedade da disponibilidade de diálogo e sexual. A pesquisa precedente a esta (Mathias da Cunha, 2021) levantou diversos relatos permeados da temática de invasão de privacidade e transposição do contato limitado e estabelecido no contexto com o *Tinder*, sendo um recorte direcionado à pessoas que se relacionam com homens - em sua maioria cis-heterossexuais - pois registrou-se que duas

mulheres em conversa têm um diálogo melhor encaminhado, já que a conotação hiperssexualizada e objetificada da fala é menor.

3. Sobre os afetos

Oliveira (1992) coloca que, para compreender a afetividade dos indivíduos à luz do pensamento vygotskyano, é necessário compreender que esta dimensão está profundamente conectada ao conceito de consciência no funcionamento psíquico humano. A autora coloca que, de acordo com Vygotsky, não há separação entre os aspectos intelectuais e os afetivos, onde o pensamento é sempre emocionado pois tem sua origem na motivação - motivação abrange inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afetos e emoções. Sob uma leitura sócio-histórica, Alves (2021) ressalta que a determinação social tem papel importante na constituição emocional do sujeito. A dinâmica entre o social e o psicológico está em constante construção, resultando em processos e transformações nas formas de pensar, sentir e agir. Entende-se por social aquilo que é externo, ou seja, toda função psicológica superior foi externa, porque foi social em algum momento, antes de se transformar em função psicológica interna (Bock, 2001). Retomando Alves (2021), as emoções são fundamentais para estabelecer e manter laços sociais, sendo nossa primeira forma de comunicação e que, ao longo do desenvolvimento, passam a atuar em relação com as demais funções psicológicas - como um conjunto de expressões psicológicas atravessadas por diferentes funções psíquicas.

Sob um olhar da sociologia, Herculano (2012, p. 4) aponta que os afetos são resultados das relações dos seres entre si e não podem ser reprimidos. “Todos os seres afetam e são afetados, isto é, entram em relações uns com os outros e com o seu ambiente.” Sob o olhar de Goffman (2011a) a relação entre as pessoas, seus sentimentos e o grupo que estão inseridas nas relações gera influência e uma hierarquização dos sentimentos. A importância dos sentimentos varia em alto grau com a importância da pessoa que sente. Em relação ao papel social dos sentimentos, na obra “A representação do eu na vida cotidiana”, o autor coloca que estes são manipulados a sustentarem os padrões morais: “Os valores culturais de uma instituição determinarão em detalhe o modo como os participantes se sentirão a respeito de muitos assuntos, e ao mesmo tempo estabeleceram um quadro de referência de aparências, que devem ser mantidas, quer existam, ou não, sentimentos por trás delas.” (Goffman, 2011b, p. 113).

Retomando a perspectiva psicossocial, Alves (2021, p. 22) aponta a dimensão intersubjetiva das emoções:

Quanto mais individualista é uma cultura, mais as pessoas vivenciarão suas emoções como “pessoais” e não como parte de uma coletividade. Várias emoções e sentimentos experimentados numa dada cultura, são vivenciados de forma distinta em outra sociedade, ou até mesmo podem desaparecer. Emoções e sentimentos como a vergonha, o ódio, a saudade, a alegria ou o amor, são aprendidos durante o desenvolvimento do indivíduo e sobretudo, mudam conforme a estrutura da atividade se altera.

A origem das emoções e o processo de sua construção e transformação, se relacionam diretamente com as influências que recebemos, no valor social das experiências pelas quais passamos com suas diferenças históricas e culturais. Em outras palavras, as formas de pensar, sentir e agir expressam uma integração, muitas vezes contraditória, de experiências, conhecimentos - também emocionados - de uma história social e pessoal (mediada pela ideologia, classe social, instituições etc.). No processo de compreensão das emoções e sua relação com o meio, Vigotsky (2010) propõe o conceito de vivência (*perejevânîe*). Para o autor, a vivência possibilita ao sujeito apreender e apropriar de maneira única do meio em que vive, sendo atravessada por estímulos externos, relações sociais, relações afetivas, formas diferentes de vivenciar experiências, características pessoais, particularidades, etc. Compreende-se as vivências a partir dos conceitos de Sentidos, Significados e da dialética singular-particular-universal:

A vivência sendo um todo influenciada de forma determinante a constituição dos processos psíquicos, pois é a partir de sua vivência que o sujeito atribui sentido e se apropria dos significados inculcados na dinâmica da vida social. Ao apreender esses significados e atribuir sentidos subjetivos a eles, ele configura seu nível de compreensão e de autoconsciência sobre a realidade permitindo com que ele possa fazer generalizações e conceituações sobre objetos da vida externa (Alves, 2021, p. 27).

A dialética singular-particular-universal compreende que a singularidade dos indivíduos se constrói na universalidade e - ao mesmo tempo - a universalidade se concretiza na singularidade, tendo as mediações como particularidade. Para Oliveira (2005), a universalidade se concretiza historicamente e socialmente, através da atividade humana que é uma atividade social - o trabalho. Em outras palavras, o tornar-se humano se dá como um produto histórico-social - não biológico - e que se dá de maneira processual em cada singularidade ao

longo de sua vida em sociedade: “É, portanto, nesse vir-a-ser social e histórico que é criado o humano no homem singular.” (Oliveira, 2005, p. 2).

Corbelo (2019), em sua dissertação de mestrado, indaga: como se chega às vivências de alguém? A autora - embasada em Vigotsky - responde que não é através da simples descrição do que o sujeito está experienciando. E diz: “Entendemos que as vivências são constituídas de sentidos e significados ao longo da ontogênese, neste sentido, a investigação de sentidos e significados fornece pistas na investigação das vivências de alguém.” (Corbelo, 2019, p. 94).

Sentido e significado são categorias conceituais elaboradas por Vygotsky (2003) para evidenciar a dialética da constituição da consciência, a integração entre afetivo e cognitivo e o caráter social, histórico e único do sujeito. Entende-se por sentido, o que Vygotsky (2003) define enquanto a soma dos eventos psicológicos que a palavra evoca na consciência - os sentidos acontecem a partir das confrontações das vivências pessoais com a rede de significações socialmente existentes. Aguiar e Ozella (2013) afirmam que o sentido é muito mais amplo que o significado, pois constitui a articulação dos eventos psicológicos que o sujeito produz ante uma realidade. De acordo com os autores, os significados abrangem os conteúdos sociais que são apropriados pelos sujeitos, onde a transformação da natureza pelo indivíduo - e a si mesmo - é um processo de produção cultural, social e pessoal constituído por significados. Vygotsky (2003) definiu sentidos enquanto contrapartida aos significados, que seriam construções sociais e que carregam uma rede de significações historicamente formada - essa rede abrange expectativas, moralidades, definições, padrões socialmente construídos. Aguiar (2001, p. 105) define significados enquanto construções sociais: “[...] de origem convencional, relativamente estável”. Sentidos, então, são a soma dos eventos psicológicos que a palavra evoca na consciência. Ou seja, significados carregam uma rede historicamente formada e os sentidos acontecem a partir das confrontações das vivências pessoais com a rede de significações socialmente existentes.

Nesse cenário, o afeto, os sentimentos e as emoções são compreendidos como constitutivos da personalidade e das funções psicológicas superiores. Vemos, assim, que nessas reflexões o autor abre uma possibilidade de radical superação da concepção das emoções como meras respostas fisiológicas reflexas a estímulos ambientais, ressaltando a importância das relações sociais com seus contornos ideológicos na constituição dos afetos (Wortmeyer, Silva, Branco, 2014, p. 289).

Ao procurarmos a palavra “Afeto” no dicionário, é perceptível que existem diversos significados, usos gramaticais e usos para essa palavra. Pensando na etimologia da palavra, afeto tem origem no latim "affectus" (Michelis, 2021) mas seus significados são diversos e abrangentes, mas é comum posicionar essa palavra no campo das relações e sentimentos humanos. Em sua página no Instagram, o ilustrador e escritor Matheus Vieira (@Desavexe), postou: “Afeto faz a gente ser (vivo).” (VIEIRA, 2021). Afetos marcam a nossa existência enquanto seres vivos, seres humanos pensantes e presentes e, ao mesmo tempo, são construtores da nossa vivência. Ademais, seria muito pretensioso reduzir algo tão potente e humano a uma categoria solo. O ser humano é coletivo e social, os afetos também. Mas seriam todos afetos iguais e constituídos genericamente a todos os indivíduos? Relembrando Bock (2007), a construção do ser humano enquanto ser social é determinada pelo trabalho, enquanto o indivíduo em si constrói sua personalidade e singularidade a partir de suas vivências e sentidos. E, nesse sentido, Motta (2020) completa o raciocínio ao pontuar que raça/etnia e gênero são relações sociais estruturantes da sociedade e dos seres, tal como a classe social. Sendo todas elas fundamentais para a compreensão do modo de produção, do modo de relação social e interpessoal e da construção de vivências, sentidos e significados:

Uma das estratégias mais utilizadas pela sociedade capitalista patriarcal na constituição do gênero é a divisão entre os mecanismos psicológicos, sendo que a função psicológica de afetividade tem sido superestimada nas mulheres e a racionalidade superestimada nos homens (Souza *apud* Corbelo, 2019, p. 41).

A autora aponta que o gênero se tornou uma particularidade que determina e faz mediação na socialização dos indivíduos e, também, determina também a qualidade de suas vivências. Mulheres negras, além da estrutura patriarcal, lidam com constantes vivências permeadas por situações de racismo, hiperssexualização, fazendo surgir o medo do envolvimento afetivo. Mulheres trans e travestis tem suas vivências à completa marginalização, violência, transfobia, onde os afetos são negados - uma vez que seus corpos seriam sempre associados à prostituição - ou colocados como não merecedores disso. Pode-se pensar também em vivências de mulheres gordas (pressão estética), mulheres indígenas (invisibilizadas), mulheres PCD's¹ (capacitismo), entre outras. A autora, citando Teresinha Souza, compara a relação entre socialização e construção dos sentidos e significados na sociedade sexista.

¹ Pessoas com deficiências.

4. Metodologia

4.1 Sujeitos

Na tabela abaixo apresentamos as sujeitas da pesquisa, nela pode-se visualizar o perfil das entrevistadas. Importante pontuar que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UEM e todas as participantes receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Nome	Idade	Identidade de gênero	Orientação sexual	Identidade étnico racial	Classe	Área de estudo/formação
Amelia	20	Cisgênera	Hétero	Branca	Trabalhadora	Comunicação
Bianca	23	Cisgênera	Hétero	Branca	Trabalhadora	Saúde
Cecília	21	Cisgênera	Lésbica	Branca	Trabalhadora	Ciências humanas
Dandara	21	Cisgênera	Lésbica	Negra	Trabalhadora	Ciências humanas
Emi	20	Cisgênera	Bissexual	Amarela	Trabalhadora	Artes
Flora	20	Cisgênera	Bissexual	Parda	Trabalhadora	Ciências humanas

Importante pontuar que, diante de uma metodologia de entrevista semiestruturada, foram construídas perguntas disparadoras do diálogo, mas, buscando desenvolvimento e aprofundamento nas temáticas, outras questões puderam ser inseridas no contexto da entrevista. No caso de uma das participantes, as perguntas foram construídas de outra maneira e serão apresentadas mais à frente. Para cinco outras, as perguntas abordadas se encaminharam sendo:

1. O que te motivou a começar a usar o aplicativo?

2. Você acha que as expectativas que o *Tinder* produz se direcionam mais para possibilidade de um match ou para o que pode se desenvolver a partir do match?

3. Como o *Tinder* te afeta?

4. Quais sentimentos você pode me descrever que sente quando liga e desliga o aplicativo? 5. Você prefere conversar com alguém pessoalmente ou no âmbito virtual? A intencionalidade da conversa tem influência?

6. Você acha o *Tinder* uma plataforma que reforça estereótipos sociais? Quais?

7. Você acha que futuramente as redes sociais podem influenciar nas habilidades sociais - por exemplo: diálogo, empatia, verbalização, criação de vínculos, entre outros? Como?

As entrevistas foram analisadas a partir da metodologia de construção da informação (Aguar, Ozella, 2006), sendo divididos em três momentos: pré-indicadores, indicadores e núcleos de significação.

5. Resultados e discussão

Nos relatos de uso do *Tinder*, são comuns falas as explicações acerca que a motivação se deu através da busca por conhecer pessoas e, dentro dessa generalização, as particularidades colocam essas vivências de maneiras distintas. Amélia pontua que seu uso vinha atrelado a intenção de conhecer pessoas, ter relações sexuais, experiências afetivas e aventuras, o que a coloca em uma vivência similar à de Dandara, que tinha recentemente chegado a uma nova cidade e queria vivenciar experiências.

Cecília e Flora trouxeram a temática do *Tinder* para adolescentes, pautando que o uso do aplicativo por parte de ambas se iniciou ainda na adolescência. De acordo com o *siteDigitalwn13*, o funcionamento desta categoria da rede possibilita apenas que as pessoas entre 13 e 17 anos pudessem ver apenas outros usuários do *Tinder* na mesma faixa etária, qualquer faixa acima dos 18 anos era bloqueada - bem como para perfis acima dos 18 anos não visualizavam faixas etárias menores. Contudo, o aplicativo fazia alertas sobre perfis falsos, golpes e pedia que os pais acordassem dicas de segurança com seus filhos. *Tinder* para menores de idade foi uma versão do aplicativo que ficou vigente de 2012 a 2016 e permitia a entrada na plataforma a partir dos 13 anos de idade - a verificação de idade era feita através da

compatibilidade com a conta do *Facebook*. A decisão por encerrar essa modalidade se deu pelo aumento de casos de assédio e abuso sexual com menores de idade, bem como aumento de perfis falsos. Flora pontua, atualmente pensando nos riscos de ter utilizado o *Tinder* quando menor de idade, vai de acordo com essa decisão:

[sic] Eu acho que deixava a gente muito suscetível, porque pelo menos eu era, quando eu era menor de idade eu tinha toda aquela ideia de querer ser vista como mais madura, era bom ser vista por um cara mais velho e achar legal ser lida como uma menina que já tinha cabeça pra tá ali conversando com um cara mais velho e tudo mais, isso é muito uma estratégia para levar lábia pra meninas mais novas (Flora, 20 anos).

Contudo, a participante analisa que essa fala se dá sob uma vivência heteronormativa e que desconsidera pessoas LGBTQIAP+ e como seus afetos se expressam com mais percalços sociais: “Eu baixei o *Tinder* para conhecer meninas mesmo, eu não tinha a intenção de ficar mas queria conhecer gente, foi onde começamos a construir formas de sociabilidade com pessoas em comum sem precisar passar por todo o processo de se assumir pros pais.” (Cecília, 21 anos).

O *match* se apresenta nos relatos como uma possibilidade, no sentido de que é atribuído a esse algoritmo uma rede de possibilidades, independente de serem positivas ou não, é notável que esta possibilidade ainda atrelada à expectativa, variando de uma positiva ou não, podendo refletir enquanto um mecanismo de proteção a frustrações mas, também, sendo catalisador de frustrações. Há nos relatos, falas que atribuem a esse momento a satisfação de uma expectativa, enquanto outras anseiam pelo que se desdobra depois que já aconteceu. “É muito subjetivo, depende de cada mulher.”, disse Flora, e pensando nisso se questiona: Quais elementos subjetivam o que se sente naquele momento? Partindo da percepção de Elias (1998) de que o indivíduo existe apenas na relação dialética entre compor e estar sendo composto uma rede de interdependências e, por meio da qual, realiza sua identidade individual e social e se organiza sua vida emocional, podemos compreender melhor os elementos em questão.

O debate que Cecília traz coloca o seu uso totalmente atrelado ao *match* e a expectativa disso, o que acontece depois - caso aconteça - já não tem sentido para ela. Em suas características, a participante relata ser muito tímida e que por vezes desenvolver as coisas a partir disso não é uma opção e existe uma preocupação com a outra pessoa e como isso pode chegar nela: “como o *match* não significa, para mim, que algo vai acontecer pós *match* eu entendo que para aquela pessoa isso pode ser nocivo se ela se importa com o pós

match, as vezes eu fico muito com muito medo disso, o match não é um status, não quero objetificar e tornar a outras meninas um troféu assim” (Cecília, 21 anos). O debate sobre a objetificação da pessoa com quem se dá match é reflexo de como questões de gênero não encontram na virtualidade uma barreira e sim uma oportunidade de perpetuação. Enquanto Cecília se preocupa com o impacto do match nas mulheres com quem interage no *Tinder*, questiona-se quantas pessoas fazem esse movimento? Pelos relatos, infere-se que muito menos do que deveria acontecer. Em seu relato, Emi pontua que a consciência sobre o match foi algo recentemente apropriado por ela e que, anteriormente, nem colocava esse outro (a) em pensamento e consideração. Flora, por sua vez, pontuou como uma preocupação constante e que precisava ser levada mais a sério:

[sic] Acho que tem a ver também com o *Tinder* ser muito um lugar de curiosidade assim né, do experimentar a sexualidade e possibilidades, pode ser um problema se não levar a sério, precisa de um pouco de responsabilidade com as mulheres que estão ali em busca de algo e não só pra ver o movimento, sabe? (Flora, 20 anos).

A temática da autoestima se tornou unanimemente presente nos relatos, dialogando diretamente com o segundo núcleo de significação, apresentado anteriormente. Partindo do referencial teórico que nos debruçamos, entendemos que autoestima enquanto um elemento também constituinte da consciência, igualmente importante na construção do psiquismo humano. Franco e Davis (2011) definem autoestima enquanto a valoração que o indivíduo tem de si mesmo, não sendo um processo natural ou inato, ou engessado - ou seja, pode assumir diferentes conotações - surgindo a partir das diferentes formas pelas quais se significa, mas situações vividas ao longo da vida.

A autoestima se constrói na relação com os demais membros da cultura, uma vez que contextos socioeconômicos, culturais, familiares e escolares exercem variadas influências na trama de interações que, de acordo com a teoria sócio-histórica, são constitutivas do indivíduo (Franco, Davis, 2011, p. 102).

Sendo assim, a particularidade do *Tinder* torna-se constitutiva na autoestima das usuárias da rede. Uma vez que o *like* é socialmente significado como a representação do interesse, o match é a certeza de uma validação positiva - estética, sexual, social. O funcionamento do aplicativo é construído a incitar a alienação da usuária acerca dos próprios sentimentos e dos efeitos da rede sobre si - e sobre o coletivo - então, a percepção de como o aplicativo afeta a autoestima da usuária - por parte da própria usuária - pode ser considerada como uma quebra com a alienação e uma possibilidade de apropriação mais consciente do

uso. Aguiar e Machado (2016), discorrendo sobre o pensamento de Mészáros, colocam que o sujeito alienado não se apropria do gênero humano de maneira completa, limitando sua atenção à dimensão cotidiana e de simples utilidade, o que provoca uma pauperização dos sentidos humanos. O pensamento apontado pelas autoras pode auxiliar na compreensão do uso do *Tinder* enquanto instrumento de alienação dos afetos, uma vez que esse aplicativo limita os sentidos humanos ao âmbito das possibilidades e, não necessariamente, da realidade. Um tópico extremamente relevante foi abordado por Flora, acerca da associação socialmente comum e reconhecida do *Tinder*.

[sic] Eu acho o *Tinder* interessante porque as pessoas dizem: “o *Tinder* parece um açougue humano”, mas é aquilo, se eu tiver na rua, na faculdade ou sei lá, no seu grupo de amigos e eu me senti interessada por você o *Tinder* pode facilitar muito essa comunicação. Só que o *Tinder* não garante nada assim, ele é só um facilitador e é um facilitador tanto para conhecer pessoas e ter experiências bacanas quanto para ser violentada (Flora, 20 anos).

O núcleo de significação - os acertos e possibilidades do *Tinder* nas relações interpessoais - explicita o que as participantes colocaram sobre o papel do aplicativo em suas relações: “o *Tinder* faz isso de mediar pessoas” (Cecília, 21 anos). A plataforma tem papel organizador entre os sujeitos e a dinâmica afetiva, contudo, outras redes são colocadas como preferidas para dar continuidade no desenvolvimento das relações - independente da conotação. Foi apontado que o aplicativo cumpre com sua proposta de aproximar pessoas com interesses comuns, principalmente, facilitando esse processo. Conversar pessoalmente ainda é a melhor opção, ainda que haja receio com relação à segurança ainda se pontua que o diálogo se desenvolve melhor. São colocados sentidos de passividade diante a dinâmica das relações virtuais, cerceadas pela ausência do toque físico, expressões faciais, gestuais, troca de olhares e o contato mais direto com o meio. Os relatos colocam que ainda que o *Tinder* faça parte da construção de uma relação, o desenvolvimento e o prazer desse processo, mesmo com as inseguranças, a presencialidade é soberana à virtualidade (Cunha, 2021, p. 45).

Ao apresentarmos a questão “Você acha o *Tinder* uma plataforma que reforça estereótipos sociais?”, nos deparamos com um fenômeno intrigante: as seis participantes responderam clara e objetivamente a mesma frase “Com certeza!”. Antes de adentrarmos em quais foram os estereótipos pontuados, é importante contextualizar o que são esses marcadores sociais. Entende-se por estereótipos o conjunto de padrões de identidades, modelos, posições e características que são atribuídas a um indivíduo e/ou um coletivo, embasado em uma construção do que estes sujeitos são e/ou devem ser, respondendo ao

modelo ideológico, hegemônico, histórico, estrutural daquele momento sócio- histórico em questão (Corbelo, 2019).

Ainda que cada mulher tenha uma vivência única e singular, as universalidades do gênero feminino possibilitam que em suas diferenças experienciam fenômenos similares. A presença do patriarcado e a sua constante alimentação do binarismo de gênero e sexismo entre as categorias homem e mulher reforça comportamentos e fenômenos geradores de sofrimento e violência.

Resgatando Izquierdo (1992), pontuamos o panorama da construção dos gêneros constituído no sistema capitalista e como pode ser visualizado com a presença do Tinder. Para Izquierdo (1992) a relação entre sexo e gênero carrega e combina três âmbitos: o sexo (fêmea e macho), o gênero psicológico e social (feminino e masculino) e a identidade psicosssexual (orientações sexuais), sobre os quais sustenta a identidade humana. A autora descreve que os três níveis não se relacionam de forma engessada ou linear, o que evidencia como as pessoas podem e são plurais em sua forma de ser e existir. Contudo, existem diversos atritos quando esses níveis se relacionam de forma divergente ao estabelecido pelo sistema capitalista. Ou seja, ao pensarmos na categoria “mulher” atribuímos diversas características a ela, por exemplo: maternal, delicada, feminina, heterossexual, branca, recatada, submissa, entre outros. Quando a sociedade se depara com uma mulher que não se encaixa nesses traços idealizados pela sociedade patriarcal, essa mulher se torna desajustada, malvista, rebaixada, etc. Tomaremos como exemplo dois relatos, sendo o primeiro de Cecília:

[sic] Se a gente pensar que dentro da comunidade hetero eles já tem muitos estereótipos de papéis ensinados e aí pensando na comunidade LGBT reforça essa heteronormatividade. Eu sei exatamente qual menina vai dar match e qual não vai, por saber quais são as características que essa heteronormatividade atribui a mim, como performar menos feminilidade e tudo mais, quem é ativa ou não (Cecília, 21 anos).

Dandara, por sua vez, aponta:

[sic] Eu vejo muito as pessoas me considerando como bi, e eu sei que tem a ver com a forma como eu me visto, como me comporto, não entro no estereótipo de sapatao. Já tive experiências assim, de pessoas que deram match comigo e não foi muito legal e geralmente eu paro de falar com a pessoa, mas eu sinto que acontece tanto por parte de homens quanto por parte de mulheres (Dandara, 20 anos).

Izquierdo (2013, p. 12) ilustra como a construção social do gênero determina a

padronização das vivências de mulheres, desde o relacionamento até a satisfação de necessidades, segundo a autora: “A existência de gêneros é a manifestação de uma desigual distribuição de responsabilidades na produção social da existência.” A frase da autora se expressa no diálogo de ambas as participantes, seja quando Cecília pontua a expectativa de uma performance de masculinidade ou quando Dandara coloca a invalidação da sua sexualidade diante da sua performance de feminilidade, ambas mulheres lésbicas que, mesmo em um contexto não heteronormativo estão sujeitas à essa construção hegemônica. Cássia Maria Carlotto (2001) relembra que na sociedade de classes, a distribuição social das responsabilidades não depende única e exclusivamente da vontade dos indivíduos, sendo socialmente atribuída de forma sexista, classista e racista, ocorrendo uma divisão de esferas para cada um dos gêneros. A infelicidade e insatisfação pessoal proporcionada pela sociedade de classes tem raízes históricas. Se tratando dos relacionamentos interpessoais, especificamente, os problemas destes são atrelados à postura social ensinada como correta e, apesar da busca incessante por autoajuda e respostas individualistas, não se resolvem apenas com postura individual, pois é um problema social, estrutural e enraizado.

[...] os sistemas sociais não são apenas formas padronizadas de relacionamento entre as pessoas, e maneiras de resolver os problemas da vida em comum, a criação e satisfação de necessidades. Envolvem relações de poder, desigualdades e privilégios que, em princípio, são uma ameaça à coexistência (Izquierdo, 2013, p. 19-20).

O patriarcado e o machismo ensinaram aos homens que a relação deve ser conduzida sob as rédeas e desejos deles, independente dos métodos utilizados ou da vontade da parceira. O racismo constrói a ideia de se relacionar com uma mulher negra é ter uma experiência sexual de nível elevado - beirando o exótico - e que esta mulher lhe deve toda a submissão, fenômeno reforçado e alimentado pela indústria pornográfica que hiperssexualiza mulheres racializadas. É importante lembrar que constantemente estamos olhando para fenômenos sociais, psicológicos e estruturais colocando como um referencial - ou nos embasando em produções que tem referenciais como- a mulher da classe média ou de mulheres trabalhadoras em países capitalistas centrais. Nalu Faria (2020) coloca que é essa perspectiva que define o que se entende por margem e dá estrutura aos conceitos de subjetividade, de liberdade sexual, de relações amorosas, maternidade, corpo, entre outros. E, concomitante a isso, a cultura e ideologia dominante pressionam no estabelecimento de um modelo, um padrão a partir do qual se normatiza e hierarquiza as mulheres. A autora coloca: “[...] o modelo hegemônico, de formas muito concretas, é parte do cotidiano da maioria das mulheres como forma de

disciplinamento e também de produção do mal-estar com o ser mulher.” (Faria, 2021, p. 160).

Outro ponto colocado foi o da estética que envolve o aplicativo, como as fotos são apresentadas e lidas, quais as poses e as construções que as envolvem. Corbelo (2019), citando Silva (2013), afirma que a vivência está ligada a sentimentos e à estética, também, enquanto fomentador de repertórios existenciais ainda não experienciados. Em outras palavras, essa estética é produtora de sentidos e significados a depender das vivências perpassadas por essa construção. Quando Bianca aponta: “Se a pessoa, como eu, não tem uma autoestima tão boa isso pode prejudicar bastante porque apesar de ter várias pessoas para quebrar os estereótipos de corpos, imagens e vida perfeita, ainda é maioria das pessoas usando trocentos photoshops.” (Bianca, 23anos). Dutra (2017) evidencia que na *selfie* - fotografia de si mesmo - estão representados os fenômenos individuais, psicológicos, imagéticos, subjetivos. Concordo com a autora e complemento sua afirmação dizendo que as *selfies* passaram a exprimir em imagens as concepções morais e estéticas que interessam às classes dominantes, às grandes indústrias da moda e da estética, colocando de modo visual e cotidiano a construção ideológica capitalista, liberal e patriarcal. Quando esta temática foi trabalhada na pesquisa antecessora, questionamos se a então a *selfie* enquanto forma contemporânea de apropriação do gênero humano. A questão foi respondida ao pautar se que o processo do indivíduo (o singular) se apropriar do gênero humano (o universal) se dá na concretização da relação que o indivíduo tem com a sociedade (o particular) e o *selfie* é uma maneira do indivíduo se tornar socialmente humano - além de uma maneira dos sujeitos entenderem e relacionarem consigo mesmos. Esta narrativa se consolidou nas falas das participantes, bem como na presença e permanência das redes sociais como mediadores de relações.

[sic] Não tem como desfazer a influência do aplicativo depois da pandemia, a gente ficou muito mediado por isso e nota basicamente tudo que fazemos é mediado pela internet e não tem muito como voltar sabe? Parece que a partir de agora, cada vez mais as pessoas se restringem ao âmbito virtual e eu acho que talvez isso não mude de situação tão rápido, considerando o jeito que a gente vive e o cenário que a gente vive, eu não vejo uma transformação assim, acredito que eu vejo cada vez mais pessoas usando (Dandara, 20 anos).

Emi trouxe em seu relato que a ausência do contato físico com as pessoas - devido ao isolamento social - potencializou a percepção do que é afeto e carinho: “[sic] A pandemia teve essa carência de afeto, tudo era lido como afeto sabe? O bom dia da pessoa aleatória é afeto, começamos a passar pano para situações mínimas, o básico é muito potencializado por essa ausência da presença.” A participante colocou que com o retorno à atividades e contatos sociais, associado a um processo terapêutico e de autorreflexão, passou a ficar mais

consciente de como é afetada pelas redes:

Hoje eu me sinto mais intimista e o Tinder e o Instagram me fizeram questionar a minha autoestima e levaram a todo esse processo, hoje em dia eu tenho mais consciência das coisas. Agora quando eu vou entrar no Instagram eu me questiono o que eu to buscando ali e dependendo da resposta eu recuo (Emi, 20 anos).

Retomando Elias (1998, p. 98): “[...] os conceitos de passado, presente e futuro, expressam a relação que se estabelece entre uma série de mudanças e a experiência que uma pessoa (ou um grupo) tem dela”. Considerando que a pandemia da Covid-19 pode ser considerada um marco histórico, infere-se que experienciar ativamente esse momento histórico e mundial promove mudanças na percepção do antes e depois deste momento.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decurso de nossa pesquisa nos debruçamos sobre a tentativa de analisar e compreender as dimensões psicossociais e sociológicas determinantes na construção da afetividade de mulheres que utilizam o aplicativo *Tinder*. Outrossim, identificar quais os determinantes sociológicos que atravessam as relações mediadas pelo *Tinder* e compreender os usos de ideologias nas relações de gênero contemporâneas, bem como articular a análise sociológica sob um fenômeno psicológico. Como material de análise utilizou-se a transcrição das seis entrevistas, previamente realizadas e gravadas através da plataforma *Google Meet*, na pesquisa antecessora da pesquisadora - Sentidos e Significados da afetividade atribuída por mulheres usuárias do *Tinder* (2021). Diante das entrevistas, nos debruçamos sobre a psicologia sócio histórica e a sociologia de Erving Goffman, Norbert Elias e Anselm Strauss para construir um percurso de embasamento teórico consistente para melhor discorrer sobre a temática proposta.

Elias (1993), abordando sobre mudanças estruturais na sociedade, pontua que estas mudanças atingiram os relacionamentos humanos e não foram planejadas por indivíduos, mas que estamos sujeitos a isso, querendo ou não - na obra falando sobre sistemas econômicos. O autor segue: aplica-se, finalmente, a mudanças na constituição das próprias pessoas, ao processo civilizador (Elias, 1993, p. 35). Acredito que seja uma analogia que pode ser espelhada no aplicativo, seria o *Tinder* um processo civilizador dos afetos? Definitivamente a rede é mediadora dos afetos e de relações afetivas, estando cada vez mais presente na

sociedade. Além disso, é um aplicativo que alimenta e regulariza regras e comportamento sociais. Tal qual o processo civilizador, entendemos que o aplicativo pode ser uma possibilidade de compreensão da rede, associada ao fato que o *Tinder* e o seu funcionamento gere sentidos de passividade diante da dinâmica das relações virtuais, costumeiramente cerceadas pela ausência do toque físico, expressões faciais, gestuais, troca de olhares e o contato mais direto com o meio. E, também, a rede tem colocado que o significado do seu uso é similar ao mecanismo de um jogo, com caráter de prazer e diversão. Por efeito disso, o sentido construído diante da significação do aplicativo acaba por ser a alienação dos afetos e a despreziosidade das relações pessoais.

Entendemos que o *Tinder* faz e pretende continuar fazendo um papel mediador da sociabilidade e das relações humanas, se atualizando e acompanhando as mudanças que podem manter o seu acesso e permanência nas novas gerações. Pensamos ser incerto e cedo pontuar se estas mudanças e presença se darão no âmbito positivo ou negativo, mas pesquisas devem constantemente atualizar os sentidos e significados das relações amorosas e suas vicissitudes nas vivências.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. M. P. A mediação emocional na gênese do psiquismo e sua relevância na psicologia sócio-histórica. In: ALVES, A. M. P.; ZANIANI, E.; MOURA, R. H. (Orgs) **Pesquisa e intervenção em Psicologia Sócio-Histórica: temas emergentes e práticas contemporâneas**. Paranaíba: Edufatecie, 2021.

BOCK, Ana. M. B; GONÇALVES, Maria da Graça M; FURTADO, Odair. (Orgs). **Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

CORBELO, Luana Gois. **Vivência e gênero à luz da psicologia histórico-cultural: primeiras aproximações**. (Dissertação de Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2019.

DUTRA, Flora Ardenghi. **Selfies no Tinder: Masculinidades como performance**, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, 2017.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: formação do Estado e civilização**. v. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

HERCULANO, S. **Afetos, paixões e feminismo: a sociologia das emoções**. 2012. http://www.professores.uff.br/seleneherculano/wpcontent/uploads/sites/149/2017/09/AFETO_S_v_2_PAIX%C3%95ES_E_FEMINISMO__A_SOCIOLOGIA_DAS_EMO%C3%95ES, v. 87, p. C3Acessado em 20 de abril de 2023.

- IZQUIERDO, M. J. **Bases materiais do sistema sexo-gênero**. SOF. São Paulo, 1992
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Trad. Suzana Alexandria. 1ª Ed., São Paulo: Aleph, 2008.
- LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MATHIAS DA CUNHA, Maíra. **Sentidos e Significados da Afetividade Atribuídos por Mulheres Usuárias do Aplicativo Tinder**. Relatório final de Iniciação Científica, Universidade Estadual de Maringá/UEM, 2021.
- GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Tradução Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011a.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, Vozes, 2011b.
- OMODEI, Amanda de Melo; ALVES, Alvaro Marcel Palomo Alves. Conceito de catarse para Vigotski e a dimensão sensível do cinema. **Contradição**, v. 01, n. 2, 2020. <https://doi.org/10.33872/revcontrad.v1n1.e010> Acessado em 20 de abril de 2023.
- STRAUSS, Anselm L. **Espelhos e mascara: a busca de identidade**. São Paulo: Edusp, 1999.
- VIEIRA, MATHEUS. Afeto faz a gente ser (vivo). Recife, 22, nov, 202, Instagram: @Desavexe. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CWmdXtXtG5f/?igsh=ZmY0bGtoc2twOHUy>. Acesso em: Abril de 2023.
- VYGOTSKY, L. S. **Teoría de las emociones: estudio histórico psicológico**. Madrid: Akal, 2004.
- VIGOTSKI, Lev Semionovicht. **Psicologia da arte**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- WORTMEYER, Daniela Schmitz; SILVA, Daniele Nunes Henrique; BRANCO, Angela Uchoa. Explorando o território dos afetos a partir de Lev Semenovich Vigotski. **Psicologia em estudo**. Maringá, v. 19, n. 2, p. 285-296, Junho 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-737223446011> Acessado em 20 de abril de 2023.

ⁱGraduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá - UEM. Bolsista de Iniciação Científica CNPQ/Fundação Araucária 2021-2022. Email: mairamcunhaaa@gmail.com

ⁱⁱ Professor Associado no Departamento de Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá - UEM. Email: seabra.sade@unesp.br

ⁱⁱⁱDoutor em História pela Universidade Federal do Paraná. Professor Adjunto no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá - UEM. Email: hcosta@uem.br